

E DEPOIS DESTES 'DILÚVIO'?

É nestes termos que fala Rosana Virgili em recente artigo de Avvenire, jornal da Conferência Episcopal Italiana, dos desafios que esta pandemia lança à Igreja.

Agora que se avizinha a abertura das igrejas ao culto público, embora com enormes restrições por causa dos problemas para a saúde pública que podem advir de uma organização menos cuidadosa dos espaços e da protecção das pessoas, não deveríamos permitir que tudo e todos se limitassem a fazer o que se fazia antes, mas para pior. Explico: *menos tempo para a celebração, nada de coros musicais, aconselhamento para que as pessoas não cantem, distanciamento físico que reduz a um quarto ou um quinto o número de pessoas que poderão estar presentes*, etc, etc. Poderemos chamar a uma tão limitada celebração uma gostosa refeição da Palavra e do Corpo do Senhor em fraterna comunhão de irmãos? Ou é só para manter uma certa tradição, em que a missa quase nunca passou de um preceito, cumprido muitas vezes a contragosto – nem falemos antes da missa em vernáculo – e raramente foi e é saboreada como supremo manjar que Jesus nos deixou e que por nada deste mundo se troca?

Não há hoje uma espécie de deserto à volta dos sacramentos, a começar pelo da eucaristia, cujas assembleias, com bastantes espaços vazios, são maioritariamente de idosos? Onde estão os jovens, mesmo depois de terem frequentado o catecismo e terem feito a comunhão e recebido o crisma? Quantas crianças aprendem a rezar e rezam em família? Com que ficam dos anos de catequese, para além da festa da comunhão, cuja fotografia, por vezes, mais tarde, até as incomoda? Que percentagem casam, depois, sacramentalmente e em plena consciência do que fazem? Quantos se confessam ou reconciliam, ao menos uma vez por ano? Quantos recebem a santa unção?

Cinco Sacerdotes, dois deles reitores de santuários, tomavam posição em textos ao já mencionado jornal, em 06 de Maio, afirmando, entre outras coisas, que muitos ainda não compreenderam que as coisas não podem continuar a ser como eram. Não podemos suspirar pelo conforto das velhas estruturas e superestruturas, incapazes de transmitir a novidade do Evangelho neste tempo, respondendo a uma profunda necessidade de Deus que, mais que nunca, habita o coração das pessoas. Diz um deles que este jejum eucarístico corre o risco de não reforçar o espírito, nem estimular a busca de novas formas de comunhão com Deus, pois elas não se esgotam numa presença esporádica na eucaristia. É necessário mudar as mediações através das quais se vive a comunhão com Deus. Olhemos para as novas portas de acesso ao coração das pessoas, estejamos atentos e sejamos solícitos no acorrer às novas pobreza, feridas e doenças onde Cristo, por nosso intermédio, possa levar paz e conforto.

A novidade não nos deve meter medo. É da nossa própria condição de viandantes não termos receio de, iluminados pelo Espírito, percorrer caminhos novos através dos quais escutemos os gritos das pessoas, levando-lhes Deus e a Alegria do Evangelho.

Um dos Sacerdotes afirmava que não tem pressa de retomar a celebração comunitária da eucaristia. Por motivos óbvios, fá-lo-á para os funerais, mas diz preferir convidar os seus fiéis a virem à Igreja para a oração pessoal, e a seguirem na vida de cada dia os ensinamentos que lhes foi ministrando, procurando acompanhar a sua caminhada com todos os instrumentos de que seja capaz para que possam habitar este tempo com verdade e plenitude e para que se coloquem sem medo diante do 'hoje' da história, redescobrimo que a Palavra de Deus, longe de dar respostas imediatas, intercepta e interpela aquelas perguntas de sentido que laceram o coração das pessoas.

Numa das aldeias do Alto Minho, onde 90% das pessoas não têm acesso à internet, mas que são fiéis ao seguimento da eucaristia pela televisão, o pároco celebrou a missa de Domingo na igreja paroquial e transmitiu a celebração pelo altifalante. Pelo menos, as pessoas puderam ouvir a sua voz e sentir a sua proximidade. Nas cidades, a situação é muito diferente, mas como vamos 'seleccionar' as pessoas que cabem no espaço? E se apostássemos nas missas feriais e, se for o caso, pedir às pessoas que alternem, para todas poderem ter ocasião de, ao menos uma vez por semana, poderem participar na eucaristia? Começar por um gesto tão simples pode ser o abrir de caminho para outras iniciativas que respondam com mais verdade às urgências destes novos tempos.

Carlos Nuno Vaz
IN Diário do Minho
09 de Maio de 2020